

Para a edição de textos escritos em português do século XV – Escada Celestial de S. João Clímaco –

Aida Sampaio Lemos*
Universidade do Minho

1. Frequentemente valorizada como uma “pequena universidade” medieval (Martins: 1990, 29), a livraria do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça desempenhou em grande parte as funções de “biblioteca nacional do Portugal medievo” (Carvalho: 1982, 133). Do cuidado aí dedicado aos livros e do importante trabalho dos monges brancos no seu *scriptorium* sobrevivem hoje na Biblioteca Nacional cerca de 500 códices manuscritos dos séculos XIII, XIV e XV, os quais se configuram como um dos tributos mais marcantes dos monges deste Mosteiro fundado em meados do século XII.

Instituindo-se como monumentos testemunhais de épocas passadas, esses códices constituem um valioso e indispensável acervo para traçar a história da língua, bem assim como a história da cultura e da cosmovisão cristã medieva. Muitas dessas obras da Livraria alcobacense são cópias de originais, versões, textos apócrifos e traduções. Estas, como exercícios de “autêntico desafio à capacidade de dizer”¹, assumiam como alvo preferencial a formação e a elevação espiritual dos monges e da comunidade religiosa, e favoreciam igualmente a difusão de ideias, contribuindo de forma inegável para a consolidação e afirmação do vernáculo.

Entre os muitos textos traduzidos do Fundo Alcobacense da Biblioteca Nacional de Lisboa podemos encontrar obras importantes como a *Regra de S. Bento, Vidas e Paixões dos Apóstolos* de Bernardo de Brihuega, *Vita Christi* de Ludolfo de Saxónia, *Disciplina dos Monges* de Hugo de São Vítor, *Visão de Túndalo*, *Livro das Coações dos Santos Padres* de João Cassiano, *Espelho da Cruz* de Domenico Cavalca, *Diálogos* de Gregório Magno, *Vida de São Bernardo* de Guillaume de Saint-Thierry, *Vergel de Consolação* de Jacobo de Benavente, *Livro das Confissões* de Martín Pérez, *Castelo Perigoso* de Fr. Robert e *Espelho dos Monges, Sermão do Pastor e Escada Celestial* de S. João Clímaco.

* Bolseira da FCT.

¹ Cf. Nascimento (2003: 263) que, a propósito de Damião de Góis como tradutor, diz deste que é “[...] fiel à lição de Erasmo segundo a qual a tradução é um autêntico desafio da capacidade de dizer, de forma a mostrar na língua de destino o que se lê na língua de origem, transpondo para uma o que a outra apresenta com «elegância e prudência», de modo a nada subtrair do que seja «sabor, doçura e doutrina» originais”.

Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, 2003, pp. 477-485.

Este último texto – *Escada Celestial* de João Clímaco –, em cuja edição (parcial) estamos a trabalhar, e sobre o qual teceremos algumas considerações, será também o ponto de partida para aqui deixarmos apontamentos breves sobre a edição de textos da prosa literária do século XV escrita em português e sobre a tradução na época medieval.

2. A *Escada Celestial*, obra originalmente escrita em grego por S. João Clímaco († c. 649), monge do Monte Sinai², foi traduzida para latim – *Scala Paradisi* – por Fr. Ângelo Clareno e, posteriormente, traduzida e copiada por outros autores do mundo cristão, nomeadamente por frades do Mosteiro de Alcobaça. Podemos, assim, encontrar uma versão latina deste texto num dos códices de Alcobaça, com a indicação de ter sido copiada, por volta de 1409, por um *frater monachus alcobatie*, Frei Martinho³ (Martins: 1956, 274). Já no século XVI, em 1562, a versão castelhana da obra foi publicada em Lisboa por um frade dominicano, embora, e ainda no século XV, a *Scala Paradisi* tivesse sido traduzida para português no *scriptorium* alcobacense.

A tradução portuguesa, a qual segundo Mário Martins (1961: 403) não parece ter sido baseada no referido códice latino alcobacense⁴, encontra-se no códice CCLXXIVbis/213 do Fundo Alcobacense da Biblioteca Nacional e ocupa os fólhos 4 a 116. Em letra gótica, datada de finais do século XV, com iniciais a vermelho, este códice é composto por um excerto das *Colações* de João Cassiano (f.1 a 4), pelo *Sermão do Pastor* de S. João Clímaco (f.116 a 122), pela *Vida de S. João Clímaco* (ou *S. João do Monte Sinai*) de Daniel de Raytu (f. 122 a 126)⁵, por alguns excertos do *Livro das Confissões* de Martín Pérez⁶

² Sobre S. João Clímaco, diz Mário Martins (1962: 179- 181): “[no séc. VI, Justiniano] ergueu o famoso mosteiro de S. Catarina do Monte Sinai, em que S. João Clímaco, anos depois, viria a ser abade. A liturgia bizantina resume-lhe a vida desta maneira: João entrou, aos 16 anos, para monge do Sinai. Com 19 anos completos, abraçou a vida eremítica em Tholas, a cinco milhas do mosteiro. Ao fim de 40 anos de vida solitária, elegeram-no para abade de S. Catarina do Monte Sinai. Morreu depois de escrever a *Escada Celestial*. Foi este livro que lhe deu o sobrenome de *Clímaco*. Daniel de Raytu, monge destas paragens, resolveu escrever em grego a vida de S. João Clímaco (ou do Monte Sinai). Frei Ângelo Clareno passou-a do grego para latim e, desta língua, mão anónima verteu-a para português.”

³ A versão latina desta obra encontra-se no Fundo Alcobacense da Biblioteca Nacional de Lisboa no códice CCLXI/ 387.

⁴ “[...] duvidamos que o tradutor português tivesse lançado mão do códice latino alcobacense, com a versão de Fr. Ângelo Clareno, como se depreende dum estudo comparativo e da própria ordenação das obras contidas nos dois códices.” (Martins: 1961, 403).

⁵ “vida de san Johã abbade de môte Sinay chamado escolastigo, o qual escreveu as dictas tavoas spirituaes. as quaes escreveu conpridamente Daniel homildoso mōge do moesteiro de Raytu” (transcrição de Martins (1962: 181).

⁶ “O nome de Martín Pérez ou Pires, homem de direito e moralista da Idade Média, não passa de uma estrela meio apagada nas grandes bibliografias e, mesmo, entre os especialistas da história do direito. (...) Tudo leva a crer que se trata dum espanhol, tanto mais que foi dessa língua que o livro foi vertido para português medieval. (...) Tal obra [um livro sobre os sacramentos], ao tempo, existia ainda num códice manuscrito de Sevilha, com a data de 1437: *Aquí comienzan ciento y dos capitulos con ciento y dos rubricas del libro de Martín Perez, e es el tercero libro de Martín Perez en que fabla de los sacramentos*” (Martins: 1956, 81). A versão portuguesa desta obra encontra-se nos códices CCLII/ 337, CCLIII/ 378 do Fundo Alcobacense da Biblioteca Nacional de Lisboa.

(f.126v a 141v)⁷ e ainda uma Poesia, escrita em português e latim, em louvor da Virgem (f. 142 a 143v)⁸.

O “Prólogo” da obra dá indicações sobre o seu autor e a razão do seu título, ou seja, de que foi João, Abade do Monte Sinai (?579-?649), quem a escreveu, a pedido de um outro João, este Abade do Mosteiro de Raitu, e de que o nome que lhe foi posto – *tauoas spirituaues* ou *escada celestial* – se deve ao facto da obra se constituir como uma súpula de doutrina espiritual exposta sob a forma de trinta capítulos que, para ascender “à perfeição espiritual”, funcionam como degraus de uma escada⁹; e a esta simbologia da “escada” se fica também a dever o nome pelo qual é conhecido o seu autor – “johã crimaco que quer dizer johãne da scaada, por que crimaco he lingua grega | na nosa lingua ladinha quer dizer como escaada”.

/f4/ Liuro de Sam Johã crimaco como auemos de fugir do m3do.

Aqueste liuro compos h5 dos santos padres antijgos o qual ouue nome Johãne abbade de monte sinay o quall liuro despos aa pitiçon de sã johã abbade do moesteiro de raytu e dos seus disçipolos Aqueste santo liuro ha dous nomes. h | u ?dos seus nomes he as tauoas spiriuaaes (pois) porque | el se conten abriauadamente todas doutrinas necessarias aa uida *spiritual* E outro nome se chama a santa escaada por que | el se contem todollos graaos pollos quaees a alma sobe aa alteza açima¹⁰ ?da perfeiçõ *spiritual* hordenadamente poendo h5 *grao* sobre ou sobre o outro a maneira de scaada começando das cousas mais baixas e sobindo senpre aas mays altas ataa tanto que uenha aa caridade de deus Onde se *contem* | este liuro trinta *graaos*. O primeiro he da fe e da speranca e da caridade deuina. E por yssso ha aqueste nome scaada qua este santo que screueu aqueste liuro he chamado Johã crimjco que quer dizer Johãne da scaada por que crimaco */f.4v/* he lingua grega | na nosa lingua ladinha quer dizer como escaada.

O texto traduzido da *Escada Celestial* ou *Escada do Paraíso*, escrito em português do século XV (“em português castiço do século XV” nas palavras de Mário Martins (1956: 275)), integra-se no conjunto da denominada prosa literária medieval quatrocentista, na qual, embora se contem algumas importantes obras originais como o *Horto do Esposo*, o *Boosco Deleitoso* (com inclusão de alguns capítulos traduzidos) e a *Corte Imperial*,

⁷ Excertos dos capítulos 63, 64, 47- 57, 58, 100 (Cepeda: 1995, 200).

⁸ Publicada por Leite de Vasconcelos in *Textos Arcaicos*, 5ªed. Lisboa: Liv. Clássica Ed., 1970.

⁹ A ascensão até Deus é frequentemente descrita durante a Idade Média por meio da imagem da subida dos degraus de uma escada. S. Bernardo, figura importante no quadro do pensamento da Igreja, dizia que “pela humildade subimos os 12 degraus que compõem essa escada, até nos encontrarmos com a verdade e a caridade. Pela soberba descemos os 12 degraus, terminando tal descida na degradação.” Cit. por Paulo Abreu – “Bernardo de Claraval: a época e o pensamento”. In *IX Centenário do Nascimento de São Bernardo. Actas Encontros de Alcobuça e Simpósio de Lisboa*. Braga-Alcobuça: Universidade Católica, 1991, p.18.

¹⁰ Ms. riscado: ‘açima’ sobrescrito margem direita.

encontramos sobretudo traduções e cópias de traduções de obras marcadamente de cariz ascético-místico e espiritual. A *Escada Celestial* faz parte deste grupo constituído por textos maioritária e manifestamente ligados a ideais monásticos, a modelos de pensamento e imagens do mundo moldados pelas crenças cristãs e a percepções da realidade marcadamente influenciadas pelo *contemptus mundi*.

Com efeito, característicos duma época fortemente incutida de valores cristãos ascético-místicos, estes textos falam da pouca-valia e efemeridade da vida terrena, do mundo e do corpo, e celebram a vida extraterrena, o mundo celestial e o espírito. Atingir a salvação e evitar a condenação eterna que a sua condição de pecador natural implicaria deveria ser a preocupação fundamental do homem ou, por outras palavras, este dever-se-ia preocupar em subir os degraus da “escada celestial” até Deus.

Esta procura do mundo celestial e da união mística com Deus é apresentada logo no Prólogo da obra de S. João Clímaco, em que o autor faz saber da necessidade de subir a “santa escaada porque [...] el se contem todollos graos pollos quaes a alma sobe açima a alteza da perfeiçõ spiritual [...] ataa tanto que venha aa caridade de Deus.”¹¹ E se muitos são os degraus a percorrer até atingir Deus, o primeiro deles é “do fugir do m[undo] e das cousas terreaes”¹². Ligados a esta concepção de desvalorização da vida terrena e da aspiração da união com Deus aparecem outros degraus dessa *escaada*, os quais passam pela admoestação à “uãa gloria”, pela rejeição do amor “viçioso”, pela exortação da “sancta obediência”, da “castidade”, da “probeza”, da “humildade” e do “jeium”, pelo elogio do “silêncio da boca” ou pela “liuraçõ do medo feminal”.

O primeiro graao fala do fugir do m[undo] e das cousas terreãaes.

O ijº de nõ auer amor a n[on] h[ab]a cousa uiçiosamente.

O iijº da perfeita perigrinaçõ a quall nos leua (a deus) e dos sonhos.

O iiijº da sancta obediência a quall sege a Christo

O vº da peendencia a quall recõcilia a alma cõ deus. O vjº da memoria da morte donde nace o choro

O vijº do uerdadeiro choro o quall laua a alma O viijº da uõtade de nõ jrarse a quall cousa he forte de ganhar O ixº do esceeimento das jniuras reçebudas a quall cousa perdoa os pecados O xº de fugir a julgar a outrem que he cousa muyto louuaujll O xjº do silêncio da boca. o quall he guarda da alma. O xijº de çeçar perfectamente do mintir O xiiijº da liuraçom da auçidia O xiiijº do jeium e da est[re]ça streita E da famosissima rreynha gulla O xvº da castidade a quall da nobre cheiro no conspeito de deus O xvjº da uitoria da auareza a quall he jdollatria O xvijº da sancta pobridade ou probeza aa quall he prometido o rreyno dos çeços O xviiijº da liuraçom da maa jnsensibillidade O xviiijº da psalmodia dos moesteiros. O xxº do

¹¹ Cód. alc. 213, f. 4-4v.

¹² *Ibid.*

uigiar o *quall* alumea a m_lte. O xxj^o da liuraçõ do medo feminil ou molharigo

O xxij^o do fugir da u^{??}gloria *per* muitas maneiras O xxiiij^o da liuraçõ da soberua demoninhada

O xxiiij^o da jnoçençia e sinprizidade ensinada de *Christo* E dous titollos *que se seg_l sã_l este graao* O xxv^o da santa e *perfecta* humildade

O xxvj^o do lume da *discreta discreçon* O xxvij^o da folgãça do çeeo alongada das curas daqueste m_ldo

O xxvij^o da oraçõ angeliqua_l e nõ matereal O xxix^o da santa tranformaçõ _l *deus*

O xxx^o da fe e da sperãça e da caridade ¹³

À semelhança de outros textos de literatura religiosa da época, esta obra de S. João Clímaco apresenta longas descrições e reiteraões constantes, o que faz com que a sua leitura nem sempre seja aprazível. No entanto, como lembra Mário Martins (1961: 406), tais obras “não eram para serem lidas de um fôlego. Escreviam-se para os monges as *viverem* – e isto exigia um sentido pragmático que relegava a beleza para segundo plano”, configurando-se, no dizer deste estudioso, como “*livros de acção*”.

Assim, nos degraus desta *escaada* encontramos a exortação às virtudes tradicionalmente centrais na vivência religiosa, tais como a humildade e a caridade, mas também conselhos e reflexões sobre traços de carácter exigíveis à observação e consolidação dessas virtudes e que visam uma dimensão global interna de construção da própria personalidade. Veja-se, a título de exemplo, o capítulo XXI, que fala do “medo *que* o hom_l há de estar soo” ou do “medo feminil ou molharigo”.

Capitolo XXj mo do medo *que* o hom_l ha de estar soo o *qual* chamam os santos ffemjni_l

O medo he h_lu custume (de) moçezinho _l na alma velha vãagloriosa

O espãto he h_lu mógua_lmento de ffe no (...) das cousas non (...) vistas ou desprajiu_lis *que* o medo he h_lu perijgo nõ _l antes p_lssado

O temor he h_lu sentimento de cooraçõ temeroso o *qual* (auijmentos)

nõ çertos *quebranta e abate* a alma e o corpo¹⁴

[...]

Todos medorosos son vãagloriosos Mas nõ todos aquelles *que* nõ son homjldosos *que* vãa de noute *aquebrantar* as cassas *que* leigeiramente nõ hã medo *per* cada h_lu (accidente) Mays se tu *ques* *contradizer e* estar *contra* *aquesta* paixõ nõ sejas negligente a andar e hir aaquelles logares nos *quaes* has vsado de auer medo e *aqui* esta nocte porque se te leixares vencer aaquesta paixõ a pouco a

¹³ Cod. 213. Ff.4- 4v.

¹⁴ f. 63.

pouco se envelhecera | ty E por | quando tu a quiseres andar | aquelle
 lugar armate bem da oraçõ e estende as mãaos a Jhesu Christo e cõ o
 sseu franco nome as jnpugnaras porque nõ he mays forte armadura
 no çeoõ n | sobre a terra que aquesta¹⁵

{...}

Mays aquelle que he feyto verdadeiro seruo de deus nõ temera n |
 auera medo sse nõ do sseu proprio senhor Mas aquelle que ajnda nõ
 teme deus muytas vegadas teme a sua soonbra propria¹⁶

O medo provocado por coisas terrenas é visto como cerceador de uma personalidade que deve ser votada a Cristo, único Senhor a quem o homem deve temer, da mesma forma que o único medo do homem deve ser o da condenação eterna. Trata-se, pois, de combater um tipo de medo para impor outro, de mais longo alcance e importância, aproximando assim o cristianismo daquilo que alguns estudiosos chamam de “religião do medo” (Delumeau: 1983). A *Escada Celestial* apresenta, pois, um discurso fortemente marcado pela exortação da vida espiritual e da plenitude da vida cristã com vista à união com Deus e, conseqüentemente, à salvação eterna, temática que se configura como uma das características marcantes do pensamento do homem medieval e que é recorrentemente tratada em diversas obras da época. Uma parte substancial destes textos continua sem edições ou sem estudos de índole linguística, literária e histórico-cultural que seriam fundamentais quer para a história da língua e da literatura, quer para a história das mentalidades e da religião.

3. Para a edição deste texto adoptámos critérios de transcrição que temos vindo a seguir noutros trabalhos¹⁷ e que, sumariamente, são os seguintes: foram conservadas as vogais geminadas e as consoantes duplas, a distribuição do *y*, do *h*, do *cl ç*, do *ul v* e *il j*, independentemente do seu valor vocálico ou consonântico; a vibrante maiusculada foi transcrita por *rr*; não foram alvo de indicação especial grafemas próprios da escrita da época, tal como o «s» longo; o sinal tironiano correspondente à copulativa *e* foi transcrito por este grafema em itálico; a separação e ligação das palavras foi feita na generalidade pela norma actual, embora com poucas intervenções por parte do editor, sendo que em alguns casos foi seguida a escrita do manuscrito, nomeadamente no que diz respeito aos proclíticos cuja união com as formas verbais foi sempre seguida; não foram introduzidas letras maiúsculas nem indicação de parágrafo segundo a norma actual e foram mantidas as do manuscrito; as abreviaturas foram desenvolvidas, tendo as letras desdobradas sido transcritas em itálico; o til como indicador de nasalidade foi mantido sobre as vogais que for-

¹⁵ Ibid.

¹⁶ F.63v.

¹⁷ Nomeadamente, na edição das *Meditações* do Pseudo-Bernardo (primeira parte já publicada no nº17/1 da Revista do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, *Diacrítica – Série Ciências da Linguagem*, Braga: CEHUM, nº17/1, 2003, pp.163- 188) e nos *Sete Tratados Cartusianos* (projecto de doutoramento ainda não concluído).

mavam ditongo com outros grafemas vocálicos e naquelas em que o texto não fornece outro testemunho, bem como em formas como η h , h l a, $nenh$ l u e $nenh$ l a; não foram introduzidos acentos nem sinais de pontuação segundo as normas actuais; o início de cada fólio foi indicado pelo respectivo número entre barras oblíquas; as palavras separadas pela mudança de fólio foram inseridas no fólio onde se iniciam; as letras ou palavras acrescentadas foram indicadas entre < >; quando, por estarem palavras apagadas ou borratadas no manuscrito, não foi possível fazer a leitura, tal é indicado por (...) ou, como hipótese de leitura, transcritas entre ().

Como facilmente se pode comprovar, estes critérios caracterizam-se por serem o que normalmente se apelida de “conservadores” e que nós incluímos no que preferimos denominar por “razão do texto”. Assim, tendo em conta que elegemos como objectivo principal o estudo da língua do documento e considerando, com Castro e Ramos (1986), que a transcrição é um “fenómeno táctico dependente de razões estratégicas”, optámos por uma edição que conservasse as características da escrita do original, de modo a garantir uma base filológica que favorecesse quer o seu estudo linguístico, quer a realização de outro tipo de edições.

Assim, esta opção “conservadora” fica a dever-se ao facto de se tratar de uma edição de um texto ainda sem edição integral e de pertencer àqueles cujo conteúdo espiritual e religioso não parece atrair um público muito vasto, mas sobretudo um mais restrito de especialistas da área; além disso, o texto está escrito numa fase de evolução da língua em que se podem testemunhar transformações linguísticas importantes relativamente a fases imediatamente anteriores e posteriores e, tendo em conta o objectivo central de análise da língua em que está escrito, apresenta uma extensão adequada à observação de aspectos linguísticos importantes, tais como as estruturas morfossintácticas, sem as limitações da documentação poética e jurídica (Mattos e Silva: 1995, 38); acresce ao referido o facto de o texto resultar de uma tradução, exercício ao qual está subjacente um esforço em adequar estruturas linguísticas da língua de origem à nossa, o que, mesmo que empírico, implica um trabalho de reflexão metalinguística, concorrendo assim para o desenvolvimento e fixação da língua vernácula.

4. A tradução teve, com efeito, na cultura portuguesa medieva, e à semelhança do que aconteceu noutras culturas europeias, um papel de grande importância. Na divulgação, por um lado, de obras e autores e, conseqüentemente, na difusão de ideias, e, por outro, na afirmação do vernáculo, “quer como prolongamento da língua tradicional (o latim), quer como alternativa a essa língua” (Nascimento: 2003, 248).

O exercício da tradução atingiu o seu apogeu em Quatrocentos por meio da acção régia e monástica. Durante este período, as traduções multiplicaram-se e com elas procurava-se “dar corpo e consistência a uma comunidade cívica e cultural, saída de novas conjunturas políticas, para as quais a geração de Avis foi em Portugal intérprete de excelência” (Nascimento: 2003, 249).

Com efeito, D. Duarte e D. Pedro foram figuras relevantes e responsáveis por um impulso na conceptualização e prática da tradução. São conhecidas de todos as palavras de

D. Duarte, no *Leal Conselheiro* e no *Livro de Conselhos*, a propósito de como bem “tomar em nossa linguagem”, bem como as traduções de D. Pedro das obras *De Beneficiis* de Séneca e *De Officiis* de Cícero. Assim, não só traduziram obras ou excertos de obras de grandes nomes da cultura clássica, como também impulsionaram esta actividade por meio de pedidos de tradução a homens cultos como Vasco de Lucena e pela protecção dada a mosteiros, designadamente ao Mosteiro de Alcobaça, onde a tradução tinha subjacente, quanto à natureza das matérias traduzidas, motivações de ordem pragmática, tentando satisfazer objectivos de formação espiritual e intelectual da comunidade religiosa. Assim, e não obstante se poderem encontrar na Livraria alcobacense textos escolhidos de Cícero e de Aristóteles, a maior parte das obras traduzidas são textos litúrgicos, hagiografias, obras de devoção e comentários religiosos¹⁸.

5. Na nossa baixa Idade Média, a tradução, para além de suprir necessidades ditadas pelas debilidades cada vez mais notórias no conhecimento e domínio da língua latina, instituiu-se como um dos meios de desenvolvimento, consolidação e dignificação da língua vernácula, permitindo uma estruturação do pensamento a partir de uma construção linguístico-cultural que, por seu intermédio, se tornou preponderante. Tal revela-se particularmente relevante no que diz respeito a modelos de pensamento estruturadores de um projecto de inspiração cristã (Nascimento: 2003) e de que os textos de literatura espiritual e mística da época são um dos veículos privilegiados.

Possuímos um conjunto numeroso de textos, escritos em português do século XV e que se inserem neste género de literatura religiosa característica da mundividência cristã da época medieval, sem edição ou com edições antigas que não facilitam o seu tratamento linguístico. Seria importante que as edições avulsas que têm sido realizadas de vários desses textos fizessem parte de um projecto de conjunto com critérios de transcrições acordados, de forma a poderem constituir-se como estudos parciais a englobar em realizações mais importantes, tais como a construção de uma Gramática do Português Medieval ou do Dicionário Histórico do Português.

Referências

- Escada Celestial*. Ms. Lisboa: BN. Cód. Alc. 213/ CCLXXIVbis, f.4 - 116.
- Castro, I. e M. A. Ramos (1986) Estratégia e Tática da Transcrição. In *Critique Textuelle Portugaise. Actes du Colloque*, Paris : Fond. Calouste Gulbenkian, pp. 101-122.
- Ferreira, José de Azevedo (1986) Uma edição do *Fuero Real* de Afonso X. In *Critique Textuelle Portugaise. Actes du Colloque.*, Paris: Fond. Calouste Gulbenkian, pp. 55-64.
- Hamesse, J. (ed.) (1992) *Les problèmes posés par l'édition des textes anciens et médiévaux*. Louvain-La-Neuve: Pub. de l'Institut d'Études Médiévales.

¹⁸ Obras como a *Regra de S. Bento*, os *Diálogos* de Gregório Magno, os *Soliloquios* de Stº Agostinho, a *Vida de Santa Maria Egípcia*, a *Vida de Santo Aleixo*, a *Vida de Santa Eufrosina*, a *Visão de Tundalo*, o *Livro das Confissões* de Martin Perez, o *Castelo Perigoso* de Fr. Robert...

- Martins, M. (1956) A Biblioteca de Alcobaça e o seu fundo de livros espirituais. In *Estudos de Literatura Medieval*. Braga: Liv. Cruz, pp. 257-283.
- Martins, M. (1961) A *Escada Celestial* em medievo português. In *Brotéria*. Lisboa, vol. 62, pp. 402-415.
- Martins, M. (1962) *Vida de S. João do Monte Sinai* por Daniel de Raitu. In *Brotéria*. Vol. LXXXIV. Nº 2. Lisboa, pp. 179-186.
- Martins, M. (1990) Alcobaça. In *Dicionário de Literatura* (direct. Jacinto do Prado Coelho). Porto: Figueirinhas, pp. 28-30.
- Mattos e Silva, Rosa (1995) *O Português Arcaico. Fonologia*. São Paulo: Contexto.
- Picchio, L. Stegagno (1979) À margem da edição de textos antigos portugueses. In *A Lição do Texto. Filologia e Literatura. Idade Média*, (trad. A. Pimenta). Lisboa: Edições 70, pp. 239-257.
- Roncaglia, A. (1974-75) *Principi e Applicazioni di Critica Testuale*. Roma: Bulzoni Editore.
- Roudil, Jean (1978) Edition de texte, analyse textuelle et ponctuation. In *Cahiers de Linguistique Hispanique Médiévale*. nº 3, Paris: Klincksieck.